

CONVERSAS SOBRE MATEMÁTICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS

Luciano Feliciano de Lima
Universidade Estadual de Goiás
7lucianolima@gmail.com

Resumo:

Este texto apresenta uma pesquisa cuja pergunta diretriz foi ‘O que se mostra em uma ação de Extensão Universitária envolvendo conversas sobre Matemática com pessoas idosas?’. Para sua realização desenvolveu-se a ação denominada *Conversas sobre Matemática* com um grupo de pessoas com idade superior a 50 anos, em encontros quinzenais ao longo de um ano, cada um com duração de uma hora. Os dados da pesquisa, de cunho qualitativo, foram constituídos por meio do diário de campo do pesquisador, pelas transcrições das entrevistas de oito participantes da ação *Conversas* e pelas produções do grupo. A análise dos dados mostrou duas temáticas que contribuem para a reflexão da pergunta diretriz, quais sejam: Motivos para frequentar a ação *Conversas* e Participação. No presente texto serão abordados os motivos que levaram os idosos a frequentarem a ação.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação de idosos; Diálogo.

1. Introdução

Ações visando à melhoria da qualidade de vida de pessoas idosas, ou seja, com 60 anos, ou mais, podem ser realizadas de diferentes formas e abordando diferentes assuntos. Neste artigo analisamos uma proposta desta natureza organizada em torno de temas relacionados à matemática, com a participação de idosos. Ela foi concebida como parte de uma atividade de extensão universitária intitulada *Conversas sobre Matemática*. Dentre os diferentes aspectos que se mostraram relevantes, destacaremos aqui interesses apresentados pelos participantes para se envolverem com a ação.

Inicialmente faremos uma reflexão sobre o crescente número de pessoas idosas e possíveis contribuições da participação de indivíduos, nesta faixa etária, em ambientes educativos. Posteriormente apresentaremos as bases para a organização da ação extensionista e refletiremos, a partir das falas dos participantes, sobre sua relação com a nossa perspectiva de criação de um espaço para contribuir com a qualidade de vida dos envolvidos. Cabe destacar que esses resultados fazem parte da tese de doutorado do autor deste artigo.

2. A busca por atividades para promover a qualidade de vida de pessoas idosas

Alcançar a velhice, ou melhor, chegar à idade de 60 anos, ou mais, não implica, necessariamente, em ter de se acomodar. Freire (2000, p. 42) reflete sobre duas possíveis situações, quais sejam “se estamos sendo seres da pura adaptação à realidade, miméticos ou se, pelo contrário, atuantes, curiosos, capazes de correr risco, transformadores, [...] aptos para intervir no mundo, mais do que puramente a ele nos acomodar”. Preferimos nos entender como seres humanos, em um constante processo de aprendizagem e, neste sentido, numa busca ininterrupta por uma vida com qualidade em que estamos sendo com os demais.

Pensar em uma vida com qualidade remete a refletir sobre Qualidade de Vida (QV). Sobre ela a divisão de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde (OMS), desenvolveu instrumentos de avaliação, sendo um deles específico para idosos. Segundo esse grupo, para avaliar a qualidade de vida é preciso conhecer a “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e no sistema de valores em que vive e em relação a suas expectativas, seus padrões e preocupações” (FREITAS, et al, p.1507).

Para o dicionário da *American Psychological Association* (APA), qualidade de vida refere-se ao grau com que uma pessoa obtém satisfação da vida. Essa associação elege segmentos que considera importantes para uma boa qualidade de vida como: bem-estar emocional, material e físico; envolvimento em relações interpessoais; oportunidades para desenvolvimento pessoal (p. ex., habilidade); exercer seus direitos e fazer escolhas de estilo de vida autodefinidos; participação na sociedade (DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA, 2010).

A qualidade de vida está relacionada com a percepção do indivíduo, dessa forma ela é entendida como um evento de múltiplas dimensões, tais como: i) *competência comportamental*, que representa a avaliação do funcionamento do indivíduo no tocante à saúde, à funcionalidade física, à cognição, ao comportamento social e à utilização do tempo; ii) *condições ambientais*, que se referem ao espaço físico, natural e construído pelo homem, em que a pessoa está inserida; iii) *qualidade de vida percebida*, que está ligada a uma avaliação subjetiva de cada pessoa sobre seu funcionamento em qualquer domínio das competências comportamentais, tendo como indicadores a saúde percebida, as doenças, o consumo de medicamentos, a dor e o desconforto relatados, as alterações percebidas na cognição e o senso de autoeficácia nos domínios físico e cognitivo; iv) *bem-estar subjetivo*, que reflete a avaliação pessoal das três áreas anteriores, seus indicadores são cognitivos e emocionais. Saúde física e cognitiva, sexualidade, relações sociais, relações familiares e

espiritualidade referem-se aos domínios cognitivos, já os domínios emocionais têm a ver com os estados afetivos positivos e negativos (LAWTON apud NERI, 2001).

Levando isto em conta, entende-se que para o desenvolvimento de um trabalho educativo com idosos é importante valorizar sua larga vivência ouvindo-os, oportunizando que eles se posicionem, expressando seus pontos de vista sobre determinado assunto. Em geral, eles buscam experiências prazerosas, integração social e melhoria na qualidade de vida. As bagagens acumuladas, ao longo dos anos, devem ser consideradas para a formulação de metodologias e definição de tarefas. Neste sentido, foi organizada a ação extensionista *Conversas sobre Matemática* com pessoas idosas.

3. Conversas sobre matemática

Conversas sobre Matemática, ou somente *Conversas*, faz parte do conjunto de ações do Laboratório de Ensino de Matemática (LEM) da Unesp de Rio Claro e tem como objetivo reunir diferentes grupos para conversar sobre matemática e educação matemática. A *Conversa*, que é objeto de discussão neste artigo, foi planejada em conjunto com os pesquisadores do Programa de Atividade Física para Pacientes com Doença de Parkinson (PROPARKI), do Departamento de Educação Física da Unesp de Rio Claro, de forma articulada com a ação *AtivaMente*, que é uma atividade do PROPARKI relacionada ao desenvolvimento da cognição de pessoas com Parkinson.

Inserido no PROPARKI, há o *AtivaMente*, que objetivava contribuir com a manutenção e com o desenvolvimento das funções cognitivas dos participantes, e é neste espaço que se desenvolveram os encontros da ação *Conversas*. Considerando que se tratavam de pessoas com Parkinson, a equipe do LEM planejou atividades que possibilitassem a manipulação de objetos como, por exemplo, o Tangram, os Blocos Lógicos, os Poliedros de Platão dentre outros. Recursos que poderiam contribuir para estimular as funções cognitivas dos participantes. Viabilizando a experimentação dos materiais, a fim de tirar conclusões sobre os mesmos, e o compartilhamento das ideias produzidas, das relações feitas a partir de conhecimentos prévios, das dúvidas dentre outras coisas que tivessem vontade de compartilhar sobre a temática trabalhada.

Além dos recursos materiais, entendemos que as tarefas sugeridas para estimular os aspectos cognitivos e físicos precisavam ser atraentes aos idosos. Isso se constituiu em um desafio, porque no grupo havia pessoas com diferentes graus de escolaridade: havia quem

nunca tivesse frequentado a escola, quem tivesse cursado o ensino fundamental incompleto, quem tivesse o ensino médio completo e quem tivesse curso superior. Diante dessa heterogeneidade, uma atividade poderia ser demasiado simplória para alguns ou muito complicada para outros. Havia o risco de alguém não se interessar pelo assunto sugerido.

Por isso, para iniciar uma tarefa da ação *Conversas* com o grupo de idosos, sugeria-se uma situação na forma de problemas, de jogos ou de notícias jornalísticas e se convidam os participantes a tomarem parte do assunto em questão. Reforça-se que os convidados apenas expunham seus pontos de vista se quisessem compartilhar com os demais suas compreensões e/ou vivências acerca do tema abordado.

No desenvolvimento da ação considerou-se extremamente relevante estabelecer um ambiente confortável onde as pessoas se sentissem à vontade para se expressar por meio de um diálogo não “de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele” (FREIRE, 2011, p. 116). Esse foi o tipo de diálogo que permeou a ação *Conversas* nos encontros com o grupo de idosos, um diálogo horizontalizado em que se entende que as pessoas têm conhecimentos diferentes. Assim, ao compartilhar esses conhecimentos e ao refletir sobre eles, produz-se um entendimento do objeto estudado.

O ambiente dialógico criado na ação viabilizou, em cada encontro, ouvir as expressões trazidas pelos participantes, cujas palavras externavam e evidenciavam seus pontos de vista, suas compreensões ou, ainda, suas incertezas sobre algo. Isso foi importante no desenvolvimento da atividade do grupo, pois se entende com Freire (2011), que em um ambiente dialógico, não é possível a imposição de algo com a pretensão de preencher o outro. Sequer uma troca de ideias deve ser aceita sem reflexão entre os participantes, o que pode haver é um compartilhamento de ideias. Esse compartilhar de ideias e de experiências possibilita um momento de criação que não condiz com uma transferência do saber de alguns para os demais. É um encontro em que se compartilham reflexões e ações para uma compreensão do objeto de estudo. Nesse sentido, adquirir conhecimento significa

construir percepções, elaborar outros sentidos, situar-se de modo novo diante das coisas e dos outros. Em outros termos, conhecer constitui uma ação de incorporação, da qual resulta, necessariamente, uma nova *performance* do sujeito aprendente, o que só é possível mediante sua cumplicidade, mediante seu engajamento (BOUFLEUER, 2010, p. 76).

Entende-se assim, neste trabalho, que o desenrolar de uma *Conversa* pode contribuir para que os participantes se percebam como seres que podem produzir, coletiva e colaborativamente, conhecimentos sobre os mais variados assuntos. Nesse caso, especificamente, sobre Matemática. Por isto, havia um cuidado com a escolha dos temas, buscando por ideias que mostrassem a Matemática como uma ciência a ser discutida, em que nem sempre há uma única resposta certa para dada situação. Buscava-se despertar o interesse dos participantes em entender algo da Matemática e, além disso, utilizá-la como um meio para explicar algo. Por isso, evitou-se trabalhar, exclusivamente, com exercícios “considerados prontos e acabados e que têm uma e somente uma resposta correta” (ALRØ; SKOVSMOSE, 2006, p. 134).

Para Ponte, Brocardo e Oliveira (2005), o exercício pode ser entendido como “uma questão que pode ser resolvida usando um método já conhecido”. A existência de uma resposta certa e única, a ser encontrada por meio de uma técnica vista anteriormente, poderia tornar a atividade previsível e enfadonha. Conseqüentemente, um trabalho frequente com exercícios pode dificultar a manutenção, ou mesmo a promoção, de um diálogo que vise à produção de conhecimentos.

Fazer exposições detalhadas de um assunto matemático, visando, exclusivamente, à resolução de listas de exercícios, poderia desestimular os envolvidos. Para despertar o interesse do grupo no assunto discutido, privilegiou-se uma proposta de situações problematizadoras. Na Matemática, uma situação-problema pode ser entendida como aquela em que os participantes “não dispõem de um método que permita a sua resolução imediata” (PONTE, BROCARD; OLIVEIRA, 2005, p. 23).

Para viabilizar o entendimento das tarefas, a começar por sua leitura, houve a preocupação em aumentar o tamanho da letra nas fichas porque, com a idade avançada, grande parte do grupo tinha dificuldade para ler textos com fontes pequenas. Igualmente, prestou-se atenção à maneira de se dirigir aos idosos no ambiente da ação *Conversas*. Buscou-se falar mais pausadamente e em um tom mais alto, com o intuito de que todos ouvissem o que era dito. Para a realização das tarefas, os participantes eram organizados em pequenos grupos. Tais arranjos visavam facilitar e estimular a participação.

Essas *Conversas* com os participantes do PROPARKI ocorreram durante o ano de 2012, em encontros quinzenais, com uma hora de duração, o grupo do AtivaMente envolvia

vinte pessoas idosas, destas oito aceitaram o convite para serem entrevistadas contribuindo para compor os dados da pesquisa. Para a constituição de dados para posterior análise, as informações foram registradas através de um diário de campo, entrevistas e fotos.

Para este artigo, reflete-se sobre a motivação que levou as senhoras e os senhores do grupo a se envolverem com a ação *Conversas*.

4. A ação *Conversas* contribuindo para a qualidade de vida dos participantes

Pode-se entender que a participação em atividades educativas, para pessoas idosas, contribui com a qualidade de vida das mesmas. Um idoso frequentador de um ambiente educativo pode estabelecer relações positivas com outras pessoas, desenvolver a autonomia, estabelecer novos propósitos na vida dentre outros. Espaços voltados para a educação na terceira idade podem constituir uma oportunidade para se aumentar as opções do que se fazer, além de ser uma possibilidade de desafio intelectual.

Consideramos que atividades desse tipo podem contribuir com a qualidade de vida dos participantes porque possibilitam a manutenção de laços socioafetivos, contribuem para o cultivo de outros hábitos intelectuais e para o aperfeiçoamento de habilidades e de convívio social. Os participantes da ação *Conversas* relataram, como é possível ver nos recortes das entrevistas, interesses como os de ocupar um tempo livre, conviver com outras pessoas, aprender coisas novas e, em alguma medida, podemos entender que melhoravam a convivência com seus familiares por terem outros assuntos a compartilhar. Não raro, as senhoras e os senhores do grupo comentavam, ou explicavam, para amigos e/ou familiares assuntos matemáticos dialogados na ação.

Espaços educativos como o da ação *Conversas*, promovidos por meio de uma ação extensionista, também podem possibilitar a inserção de idosos em um ambiente diferente, o da academia. Essa ação, também pode contribuir com a sensação de bem estar, ao viabilizar canais de comunicação de assuntos diferentes do que os participantes estejam habituados, como a Matemática, com pessoas da própria geração e de outras como os integrantes do grupo do LEM e do PROPARKI. Como defendido por Pereira (2009, p. 172) a participação em atividades educativas, “favorece o envolvimento ativo com atividades e pessoas, a integração social e os investimentos pessoais e, assim, leva a um envelhecimento bem-sucedido”.

A pesquisadora Freire (2000) considera que uma velhice satisfatória depende da interação do indivíduo em transformação, vivenciando uma sociedade que também está em transformação. E, segundo ela, há algumas estratégias para se alcançar essa satisfação na velhice, dentre elas estão: o cultivo de novos hábitos mentais e o aperfeiçoamento de habilidades sociais. A ação *Conversas* viabilizou desenvolver novos hábitos mentais com a realização de tarefas matemáticas; além disso, permitiu a interação entre os envolvidos.

Para a Freire (2000), um envelhecimento bem-sucedido relaciona-se a um bem-estar psicológico levando em conta uma relação de qualidade com os outros, ou seja, uma relação calorosa, satisfatória e verdadeira; preocupar-se com o bem-estar alheio; ser capaz de relações empáticas, afetuosas. Isso foi notado quando os participantes auxiliavam seus colegas no desenvolvimento das atividades e, em suas falas, ao considerarem se as pessoas com dificuldades precisavam de auxílio, como destacado, por exemplo, pela Sra. Ju (60), uma das participantes do grupo. A pesquisadora Freire (2000) também se refere a crescimento pessoal para uma velhice bem sucedida quando o indivíduo tem um senso de crescimento contínuo e de desenvolvimento como pessoa e está aberto a novas experiências. Pode-se considerar o fato de participar de um grupo de diálogo sobre assuntos matemáticos como estar aberto a outras experiências, uma vez que foram tratados assuntos de que os participantes não conheciam como faixa de Moebius, Tangram, Quadrados Mágicos dentre outros.

Por meio das tarefas matemáticas desenvolvidas esperava-se estimular as capacidades cognitivas, e os participantes confirmaram esta expectativa ao afirmarem que a realização das tarefas contribuiu com a atenção, com a recordação de coisas aprendidas anteriormente, com o raciocínio, com o processo de desenvolvimento de algo com início, meio e fim. A fala dos sujeitos corrobora o entendimento de Baraldi (2001) ao sugerir que trabalhar com Matemática possibilita que pessoas na terceira idade continuem progredindo no raciocínio lógico-matemático, um elemento essencial para a manutenção da memória com coerência e organização.

Os senhores e as senhoras do grupo consideraram sua participação em relação à estimulação cognitiva como positiva. Guarido et al. (2003) também fazem uma avaliação positiva de um trabalho de estimulação cognitiva com pessoas idosas. Essas pesquisadoras pediram que os sujeitos avaliassem os exercícios específicos que foram trabalhados para atenção, fluência verbal, raciocínio, criatividade dentre outros. Esses exercícios foram realizados durante as 24 sessões semanais, tendo duração de uma hora e meia, em um período

de oito meses. Segundo Guarido et al. (2003), as avaliações escritas dos participantes apontaram melhora em aspectos como atenção, capacidade de observação e, conseqüentemente, de lembrança.

Ainda em relação à estimulação de capacidades cognitivas Yassuda et al. (2006) realizaram um treino de memória com 69 idosos, considerados saudáveis, com informações sobre memória e sobre envelhecimento, instrução e prática em organização de listas de supermercado e grifo de ideias principais em textos. Essas pesquisadoras consideram que os participantes do treino passaram a utilizar mais as estratégias aprendidas. Consideram ainda que as quatro sessões do treino foram suficientes para que os envolvidos utilizassem as estratégias, contudo não possibilitaram que estratégias automatizadas se convertessem em melhor desempenho. No caso das tarefas matemáticas, diferentemente do desenvolvimento de estratégias automatizadas, os idosos eram convidados a serem criativos no desenvolvimento do que lhes era proposto, pois precisavam pensar como montariam uma figura previamente dada, um barco, para citar um exemplo, utilizando as peças geométricas que compõem o Tangram. Por meio de tentativas elaboravam estratégias para solucionar esse tipo de problema e não raro eram persistentes em desenvolver todas as tarefas em suas respectivas casas. No caso das atividades propostas com o Tangram o Sr. Roberto (77), por exemplo, além de desenvolver as tarefas em casa desenhava suas soluções para comenta-las, durante o encontro, com o grupo do LEM. O Sr. Roberto (77) ao ser persistente e criativo na busca de soluções para as tarefas matemáticas estava trabalhando suas capacidades cognitivas. Segundo Apóstolo et al. (2003) a estimulação cognitiva melhora a condição cognitiva de idosos, esses pesquisadores aconselham a implementação de atividades, nesse sentido, como componente do cuidado de idosos em contexto comunitário. Souza et al. (2009) acrescentam que atividades de estimulação cognitiva para idosos contribuem com a manutenção de capacidades dos participantes como, por exemplo, na comunicação com outras pessoas.

A possibilidade de conhecer pessoas e de interagir com elas, em um ambiente agradável, foi outro aspecto que se mostrou como uma motivação para a participação na ação extensionista. A educação pode ser um meio de viabilizar a inserção social de idosos, podendo contribuir para que esses indivíduos aproveitem, positivamente, essa fase da vida e, até mesmo, aprendam a superar desafios que lhes são impostos. Afinal, “quando o idoso tem oportunidades adequadas, ele pode adquirir novos conhecimentos, aprimorar capacidades, ampliar ou manter relacionamentos sociais significativos, demonstrando entusiasmo e

melhorando sua percepção de bem-estar.” (SANTOS; SÁ, 2000, p. 98). Isso ocorreu no desenvolvimento da ação.

As senhoras e os senhores do grupo consideravam, em conversas informais, e nas entrevistas, o ambiente da ação *Conversas* acolhedor. Esse entendimento está de acordo com a expectativa de idosos, estudados por Siedler (2006) que retornaram aos bancos escolares considerando o espaço educativo como um lugar agradável para compartilhar vivências, alegrar-se, adquirir conhecimentos e desenvolver competências para uma maior autonomia no cotidiano. O Sr. Roberto (77), por exemplo, considerou o ambiente do grupo como animado e, conseqüentemente, gostoso de estar naquele local. Esse ambiente gostoso pode ser entendido como um espaço de interações sociais em que, conforme expõe Dias (2010), pessoas na terceira idade reconhecem-se valorizadas, pois se sentem pertencentes a um grupo para o qual podem contribuir de maneira significativa por meio de suas experiências e de seus conhecimentos. Na ação desenvolvida o compartilhar de experiências era frequente.

As relações sociais, um elemento importante para o bem estar psicológico, como destacado pela pesquisadora Freire (2000), também são colocadas. Muitos relataram que gostam de aprender e que também gostam de estar com os colegas do grupo. As interações sociais, não raro, diminuem à medida que se ingressa na velhice (Giglio, 2001). Por isso, concorda-se com Schenkel (2009) ao considerar que a participação de idosos em atividades socioeducativas pode diminuir a exclusão dos mais velhos. Nesse sentido, entende-se que a ação *Conversas* pode ser uma possibilidade para promover interações, possibilitando que os idosos tenham contatos com outras pessoas, compartilhem vivências/experiências, atualizem conhecimentos.

Os participantes mostraram uma postura aberta à aprendizagem, mesmo com seus muitos anos de idade, buscavam constantemente aprender, confirmando a ideia de que “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 1998, p. 90). A Sra. Teresa (80), por exemplo, quando necessitava de auxílio para alguma das tarefas matemáticas que realizava em casa, recorria às netas. O mesmo é relatado por Coura (2007), segundo esta pesquisadora, os estudantes idosos de sua pesquisa relataram uma intensificação nas relações familiares com o retorno à escola. “Essa intensificação das relações familiares ocorre pela necessidade de auxílio para fazer algum trabalho, de carona dos filhos ou mesmo pelos assuntos gerados pelos conteúdos escolares” (COURA, 2007, p. 104).

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas por esses depoentes, entende-se com Goldenberg (2013) que fizeram e continuam fazendo escolhas para si. Encaram, de forma positiva as dificuldades, superando-as. Continuam fazendo planos e, nessa fase da vida, participaram de uma atividade extensionista, envolvendo Matemática, porque consideraram que lhes estimulou a cognição, porque se relacionavam com outras pessoas e, ainda, porque gostam de aprender.

5. Considerações

Contribuições das tarefas matemáticas para a cognição, possibilidades de interações sociais, satisfação do desejo de aprender coisas novas e gosto pela Matemática se mostraram como motivos para participação na ação *Conversas*.

Cabe dizer que a receptividade dos participantes estimulou, e muito, a equipe do LEM no desenvolvimento desse trabalho. Em diálogos informais, tanto com o pesquisador quanto com os bolsistas, as senhoras e os senhores relatavam sentir prazer em fazer parte da ação extensionista. O sentimento era recíproco, uma vez que, os bolsistas e o pesquisador, sentiam-se muito bem tanto com o envolvimento dos idosos durante os encontros, quanto ao saber que vários membros do grupo, não só realizavam tarefas matemáticas em casa como as compartilhavam com amigos e/ou familiares.

Entende-se que os participantes da ação *Conversas* se mostraram como sujeitos em transformação, pois embora diminuíssem suas opções de coisas para fazer, não se restringiam ao espaço da própria casa, buscavam a interação com outras pessoas e, no caso do grupo em questão, conversavam e realizavam as tarefas matemáticas que lhes eram sugeridas. Algo diferente do dia-a-dia da maioria dessas pessoas.

6. Agradecimentos

À professora Dra. Miriam Godoy Penteadó que possibilitou que eu realizasse essa pesquisa, aos senhores e às senhoras participantes da ação *Conversas*, à Universidade Estadual de Goiás, à Capes e ao CNPQ por me auxiliarem financeiramente para o desenvolvimento desta pesquisa.

7. Referências

ALRØ, H.; SKOVSMOSE, O. *Diálogo e Aprendizagem em Educação Matemática*. Coleção Tendências em Educação Matemática. Tradução: Orlando Figueiredo. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

APÓSTOLO, J. L. A.; CARDOSO, D. F. B.; MARTA, L. M. G.; AMARAL, T. I. O. *Efeito da estimulação cognitiva em Idosos*. Revista de Enfermagem Referência. Série III, n. 5, 2011.

BARALDI, I. M. Oficinas Matemáticas: uma experiência com a terceira idade. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 7, 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBEM, 2001. Não paginado.

BOUFLEUER, J. P. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

COURA, I. G. M. *A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações*. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

DICIONÁRIO DE PSICOLOGIA DA APA. VANDENBOS, G. R. (org.); tradução Daniel Bueno, Maria A. V. Veronese, M. C. Monteiro; revisão técnica M. L. T. Nunes, G. B. Frizzo. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREITAS, E. V. [et al.] *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GIGLIO, Z. G. Os Ganhos das Descobertas das Perdas nos Processos de Aposentadoria In SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (organizadoras) *Educação Não-Formal: cenários da criação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Centro de Memória, 2001.

GUARIDO, E. L.; ABREU, M. L. C. G.; COELHO, M. V. A. S.; PICCOLOTTO, M. C. S.; SINOPOLI, A. R. *Desempenho cognitivo no idoso: desenvolvimento de uma proposta de intervenção*. Ver. Ciências Médicas, Campinas, 2003.

NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

PONTE, J. P.; BROCADO, J. ; OLIVEIRA, H. *Investigações matemáticas na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A. S. *De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade*. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SIEDLER, M. J. *A tecnologia educativa do cinedebate como forma de desenvolvimento da gerontocultura*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFSC, Florianópolis, 2006.

SCHENKEL, C. C. *Uso das tecnologias de informação e comunicação no processo de socialização do idoso*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2009.

SOUZA, P. A.; SANTANA, R. F.; SÁ, S. P. C.; ROBERS, L. M. V. *Oficinas de estimulação cognitiva para idosos com demência: uma estratégia de cuidado na enfermagem gerontológica*. RBCEH, v. 6, n. 3, Passo Fundo, 2009.

YASSUDA, M. S.; et al. *Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos*. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 19, n. 3, p. 470-481, 2006.